

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## „Elicito”, absolvido

O impoluto cidadão — Reflexões acerca do  
juri — Como o merceiro vê o juiz — Efeitos  
das impunidades — A rusga dos famintos

Finalmente, o Elicito respondeu e foi absolvido. Não quizera pôr os preços nos generos, afim de não se saber quanto lhes aumentava dum dia para o outro. Desrespeitou o decreto mas puzeram-no em liberdade.

Elicito fizera aquilo sem querer; era um desatento e um patriota. Já se vê que rouba, mas o juri sente-o ilibado. Desta maneira ele regressou ao seio do partido democratico e arvorou de novo o queijo flamengo, o mais vermelho, o seu simbolo pela côr e porque de lacticinio tem tanto como o Elicito de honesto. O flamengo é todo batata e cenoura; o Elicito é todo vãosinhos para ladroeiras. Apresenta mais buracos que um Gruyère.

Quando reabriu o armazem encrespou o sobrólho, tomou uma nova attitude de vítima semelhante à do tempo em que Sidonio mandava encurralar os açambarcadores — e declarou aos fregueses:

— Meus senhores, isto, de hoje em diante, é para quem quere . . . O preço sou eu que o faço e se virem para aí algum juiz sindaco com necessidade de manteiga, presunto ou qualquer genero de mercearia, é manda-lo para cá . . . Paga o dobro . . . olá se paga . . . o dobrosinho! . . .

Apoiava-se muito naquella decisão dos jurados que o tinham mandado em paz, a ele e aos colegas, deixando o juiz em cheque e de cara à banda . . . Claro, que naquella sessão houve ainda uns que não concordaram e que queriam condenar mas a maioria, rapaziada da côr — porque quem não é democratico é ladrão de si mesmo — os mandara em paz . . . Ali à puridade, ele devia dizer que fiava, havia uns meses, a um deles . . . Tudo caído na masseira — na pia da massa — como os da

comissão de inquerito aos lucros da moagem... Sepultadinhos em massa...

E' que ele, Elicito, tinha magnificos correigionarios... O juiz embirrava com a sua pessoa por suas opinões e não por seus delictos... Os jurados, que o queriam culpar, eram do partido contrario... Talassaria, dessa que não tinha negocios e nem os comprehendia...

Caberia aqui, a teoria do merceeiro sobre o que ele chama negociar se não fosse já em demasia conhecida e não tivesse o sinonimo que o Codigo Penal chama roubo.

Não ha nenhum negociante pobre, mas ha advogados, medicos, esculptores, artistas nem mesmo remediados. Daí o desdem dos homens do dinheiro, dos mercantes dos alimenticios, sobretudo, por quem não pertence à classe.

Ninguem como Elicito para exprimir desdens: é um pelintra! e ao dizê-lo bate as silabas como se repuxasse pedradas.

Deste modo se referiu, depois de absolvido, entre os seus amigos, o merceeiro — ele e os outros, em côro — ao juiz que os mandara autoar.

Sabe-se, ante semelhante impunidade, que a lei dos fucros ilictos é uma mentira, é um vago abafarete para a colera popular a qual ha de explodir fatalmente, tanto, que, ainda ha dias, um dos agora tratados de homens de bem, gritava pelo telefome para outro cuja sociedade está solidamente atada com gente de coturno.

— Não baixe nada... Olhe que você, assim, prejudica-me... Qual historia, carregue-lhe... O quê?! Queijo é queijo... Deixe apodrecer vende-se ralado... Sim, você bem sabe que é preciso ganhar agora porque dum assaltosinho ninguem nos livra...

Elicito, não duvida tambem e conhece que está condenado para outra justiça mas, como todos os apontados para um destino fatal encaminha-se para ele diariamente.

Os jurados podem absolvê-lo. A rusga dos famintos passará a sua porta porque se ele fosse honrado não ocultava os preços dos generos, não sofismava a lei.

A's vezes tem sobressaltos de medo; invadem-no terrores pávidos mas recorda-se das suas propriedades de Alcantara, da sua quota numa sociedade de importação, dos seus casebres na Alfama onde vive a miseria, dos seus casinhotos falsificados das Avenidas que aluga ao luxo chinfrim como eles e quer mais, sempre mais, para fazer da filha, da Elicitasinha, uma ricassa.

Que lhe importa envenenar, roubar assassinar, ludibriar — e ele faz tudo isso — se com as suas más ações acrescenta muitas das boas — dos grandes negocios — ao dote da rapariga? E depois o medo acabou-se. Todos absolvidos.

Elicito sente-se cidadão livre, numa patria livre, num negocio livre, e, declara, sintetico, sincero e convicto:

A minha patria é a minha tenda!

## Angela, e a roda da fortuna

A pensão de Angela Pinto — Como se quer vêr a grande actriz — A lenda do desbarato — A psicologia duma mulher de teatro — O Estado e as glórias nacionais

Os artistas dos teatros de Lisboa foram, num destes dias, ao parlamento solicitar uma pensão para Angela Pinto, impossibilitada de trabalhar. Era um pequeno grupo o que atravessou as ruas, quando se devia esperar uma multidão. E' que a actriz, em toda a sua gloria, deixou, pelo caminho da sua vida turbulenta, mais favores do que odios e se as coleras lá não estiveram, os obsequios tambem se esqueceram.

Foram, pois, os artistas ao parlamento e, á bóca pequena, disse-se por ahi, que a Angela atirara fortunas pelas janelas e agora tinha que recorrer ao Estado; evocou-se a sua existencia leviana, e quasi de exigiu que a comica admiravel tivesse sido uma monja, sahindo da sua cela, todas as noites, para exhibir num palco as garotices das revistas do ano ou a mascara dolorosa de tragedias.

Esse bichanar em cousa alguma influirá num parlamento que deu uma pensão á familia do maior prodigio de talento que Portugal viu: o doutor Alexandre Braga—, que tendo mergulhado os seus dedos em autenticos caudais de oiro, os atirou nos seus prazeres, nos seus bons movimentos para com amigos, nas suas necessidades de satisfazer o que lhe vinha á cabeça, sem se importar com consequencias.

Vivemos dentro duma sociedade singular, onde se perdôa a um moageiro enriquecido as suas fantasias de nababo—palacios de luxos orientais, automoveis de centenas de contos, cavalos pagos regiamente—e se condena um artista—porque Alexandre Braga tambem o era—uma liberalidade maior em dias de alegrias para festejarem triunfos ou em horas de amargura para olvidarem derrotas.

Resta, porém, ainda saber se a Angela devorou fortunas, se viveu em templos salomonicos ou se possuiu carruagens de galas, se adornou o seu pescoço com joias de milhões e se envergou *toilettes* de Paris. O que ha em volta da grande actriz é uma lenda nascida da fantasia de Lisboa, bisbilhoteira e pelintra, que em vendo uma mulher de teatro de trem a imagina milionaria, em lhe notando um anel de brilhantes a julga rotschildica e em a sabendo a morar numa casa de melhor apparencia investiga logo quem lh'a paga.

Angela, saída do povo — bem para com seu ardimento e sua generosidade — saltando para as taboas dum palco, entonteceu o publico que se poz a amá-la e á sua volta, os homens, que adoravam mais a gloriola de andarem a seu lado do que os seus triunfos de actriz, atontavam-se nas barras das suas saias. O olhinho estrabico, a cabecita leve, a mocidade a espicaçá-la, os gosos a sorrirem-lhe, as piadas brotando-lhe da bôca fresca, e ela, muito galante, muito levantadinha, tratava-os todos do mesmo modo, desdenhava das suas juras e seguia o seu capricho. Um ou outro causou escandalo á sua porta, encheu-lhe um pouco a sua vida, comprou-lhe uns moveis, ofereceu-lhe uns brilhantes, mas em troca ela dava-lhes a honra de andarem a seu lado, de se sentarem á sua mesa, de se dizerem seus amantes, quando alguns não passavam duns vaidosos enredados nessa trama de volubilidade e de desequilibrio da actriz.

No fundo, Angela não devorou rios de ouro; alardeou o que não tinha, mostrou-se com uma fachada que não era a sua; foi rapariga, tirou da vida alguns prazeres, muitos talvez, mas numa casa onde não penetravam os admiradores havia uns pequenitos jamais olvidados, os filhos que era necessario sustentar, educar, conduzir na vida.

A tonta, a doida, a que saltitava no palco não os largava do seu dominio e quando se julgava que não teria mais cuidados a dispensar sempre os encontrava e sempre neles se metia; agora uma afilhada, logo uma petiza da rua. Nunca houve mulher de teatro que tanto bem fizesse e tão gentilmente o realizasse. Aparecia uma corista chorando porque não tinha dinheiro para comprar os remedios á mãe doente, e ela, num salto, olhando-a bem, sacudindo-a: oh! rapariga não te apoquentes...

A outra, vestida nos europeis dalguma dama de côrte, na revista em moda, molhava de lagrimas a farraparia lantejoulada, e, então, ela, no bastidor, com força a querer calá-la, dizia-lhe: espera aí... que diabo!... eu tambem sei o que é ter mãe...

Desprendia das orelhas os brincos famosos e acrescentava: — Vai empenhar isto... Vê lá o que precisas...

Um arzito de riso e de pasmo passava no rosto da comparsa, e a Angela, num sorriso gaiato, a sufocar a comoção, tornava: olha lá não engulas a cautela!

Depois, numa pirueta, a actriz ia para as taboas representar, feliz, radiante, porque praticava o bem.

A lenda crescia e ela não a desmanchava. Os bons actos da comica sumiam-se; apenas surgiam as suas exhibições, os nomes dos seus amantes, a graça com que os alcunhava, as torturas que lhes infligia, as piadas com que os chancelava. Nunca arruinou ninguem; nunca causou miserias tambem, por isso mesmo, é um *blague* esse devoramento de milhões.

Emquanto aos ganhos da sua arte, toda a gente sabe como eles se somem num instante em Portugal. O dinheiro duma *tournee* ao Brazil é o bastante para se viver um ano sem trabalhar, mas não enriquece, sobretudo uma mulher de arte, cuja psicologia difere da de um caixeiro viajante. Sem essa diferença, Angela poderia ter sido uma excelente dama de companhia mas nunca uma actriz, cujo talento maleavel a atiraria da opereta para a tragedia, cujo valor enorme se mostraria nas mais pequenos detalhes do teatro. Actrizes de intuição, de raça, vibrando, porque essa natureza as fez assim — como as rosas perfumam e as pombas arrulham — Angela e Adelina — não podem ser eguais em temperamento a

outras senhoras da arte, que o estudo, a reflexão ou simplesmente essa vontade existente em quasi todas as almas femininas, fizeram artistas. Exigir ponderação, metodo, serenidade, juizo sobre o futuro, poupanças burguesas, retrahimentos a quem só vive para crear o bello é o mesmo que encarcerar um leão e sustentá-lo a espinhas de sardinha.

De resto, nunca se ganha o suficiente para uma fantasia com o talento em Portugal. Nenhum artista nacional é milionario, nem os maiores escritores — que são quasi todos empregados publicos. Eis o Estado sustentando as suas pessoas mais do que as suas penas —; nenhum pintor é rico de milhares de contos, nenhum actor possui fortuna consideravel nem mesmo os que mais cerceam em seu prazeres para amealhar em, re-cessos do futuro.

Deve analisar-se tambem a epoca em que Angela fez os seus primeiros sucessos. Nesse tempo ainda não se pagava a uma mulher, só para mostrar as pernas e gargarejar umas indecencias, ordenados de ministros que não fazem — é certo — aquelas primeiras exhibições.

Estar no teatro, naquele periodo era viver num dia a dia desolador, apertadamente. Assim passou Angela e quando a sua grande aura chegou nem sempre a contrataram. Esteve a lutar com milhares de contratemplos e entre eles o maior foi, a inveja.

E' que Angela Pinto — a minha amisade por essa grande actriz, assim como a que nutro por Adelina não me cega — tinha a resposta pronta e a attitude clara. Quando não lhe quadravam as exigencias, quando se sentia desprestigiada, quando — vá lá! — não lhe satisfazião um capricho, fazia o que os seus nervos pediam e largaria o espetaculo no meio se acaso não a aquietassem.

Joaquim de Almeida — que foi um dos meus amigos no teatro e me pediu cem vezes uma peça para representar — era tambem um irrequieto. Quando eu lhe poderia dar o drama desejado, com amisade mais do que com certezas de exito, não tinha já onde o representar. Ele que era enorme! Pois com Angela succedeu o mesmo e com outra — a mestra da scena, Lucinda Simões — minha amiga tambem — chegou-se ao maximo.

Dizia-me ela uma vez: tenho que vestir bonecas para vender nas lojas! A seu lado existia uma neta — a quem eu chamava a inglesinha, a qual efemeramente actriz casou com felicidade, e ainda bem, — pela qual devia olhar.

E, no entanto toda a gente falava das riquezas de Lucinda e dos desbaratos do marido, de Furtado Coelho. Se não fossem eles, seria milionaria. Talvez. E' certo, porém, que não possuia cousa alguma.

Com Angela succede outro tanto; nunca ganhou o suficiente para resistir aos anos maus, embora se fale hoje, que ela precisa muito, das suas prodigalidades.

Jamais as fez tão grandes como algumas damas que arruinam maridos e os lares e morrem sem maus comentarios. E' que o dinheiro da gente que vive do publico aparece sempre iluminado pelas luzes da ribalta e do reclame ao passo que o dos especuladores se acumula no misterio e na treva. Um tem a soada rapida, tilintante, de campainhas de ouro agitadas, de guisos multiplos de *clowns* saltitantes. Rola, perde-se, vai-se, como esse badalejar argentino, no turbilhão duma rajada, que é a vida torturada do artista, do que vive do seu pincel, da sua pena, das suas entradas em scena.

O outro — o dinheiro do calculista, esse mal se ouve; amassa-se,

avoluma-se, enche os cofres, sóbe como se levasse essas galochas de feldespatho, que os ladrões de hotéis usam, para lhe amortecer os passos. Não é musical; não é sonoro; é severo no movimento, cauteloso na exhibição. Não se some, não desaparece une-se, liga-se, tem serenidade como a existencia de quem o acumula e o prolifera sempre no segredo, que é, como se sabe, a alma do negocio.

Angela, para demais, é hoje comendadora de S. Tiago; é a unica joia que lhe ficou, talvez, na sua carreira de grande actriz e de mulher de coração. O Estado, que a condecorou, não pode negar-lhe o pão, não ha de querer que ela empenhe a medalha, como a corista foi levar à caução os brincos de brilhantes.

E' que S. Tiago, numa casa de penhores, não dà nem para um caldo. E' como o colar da Academia. Valem mais, pelo peso, para uma necessidade, um anel de negociante de porta fechada, ou o grilhão duma peixeira.

Embora não tivesse sido grande o cortejo que foi ao parlamento solicitar a pensão para a condecorada, para essa singular actriz que ia succumbindo no seu posto, nas taboas, não haverá duvida ácerca dos resultados, mesmo porque o estado não tem que investigar, diante duma gloria nacional, que ele chancelou, se ela acaso, no passado, usufruiu uma mina de oiro mas sim se no presente, tem uma mina de desespero.

A illustre artista nunca nadou naquela fortuna que lhe atribuem e por isso, tambem, não a dissipou. — E' certo que foi senhora de outra maior: a do seu altissimo valor. E' isto que a nação deve relembrar na invalida tão infeliz que já nem pode praticar aquilo que ela amava, ainda acima dos seus tão criticados prazeres: o lenitivar miserias, no bem de todos: o seu maior goso. Chamaram-lhe perdularia. E' certo: perdularia de talento e coração.

Foi isso que ela dissipou ás mãos cheias.

## A Estrada dos Espectros

**A trasladação do marquez de Pombal — Uma evocação de sombras — Da Junqueira á Memoria — A prisão dos fidalgos e o cadaialso de Belem — O cortejo do odio**

E' além do Calvario que a estrada principia. O largo fica para traz, Alcantara rumoreja, no antigo palacio de D. João IV erguem-se as bandeiras da sociedade republicana de Educação Popular, adiante pardejam as paredes do convento das Flamengas e logo, à direita, quasi em frente dos electricos, destaca-se o velho solar dos Sabugosas, com a sua tradição velha de cinco seculos.

O cortejo, que conduzia a ossada gigantea e forte de Pombal, passou decerto diante das janelas fechadas, da mudez luctuosa daquela casa fidalga. Topava-se a primeira recordação; o inicio da estrada dos espectros.

Uma manhã, em 1760, as justiças tinham ido buscar ali o conde de S. Lourenço, D. João, que era um erudito. Acusavam-no de conspirador, de cúmplice dos Tavoras e, durante desassete anos, gemeu entre ferros para ir acabar maniaco, adoidado no convento das Necessidades.

Mas continua-se a caminhar; entra-se na Junqueira para ser mais povoada de lantasmás a estrada a percorrer. Ali já não é o enterro de um conselheiro com suas tipoias, seus sujeitos charuteando de perna traçada, como no Aterro, é o que se chama, oficialmente, a manifestação nacional, isto feito sem senso, desde que passeiaram os restos do tyrano por diante dos logares dos seus crimes, num proposito, talvez de glorificar o despotismo.

O palacio dos condes da Ribeira Grande, em cuja fachada ainda se vêem, no escudo heraldico, os lobos da Camara ligando o escudo com em moto, tambem viu passar os ossos consagrados de quem mandou ali buscar D. Guido Augusto da Camara e Atayde, 5.º conde do titulo, que

deveria ir morrer, com a sua asma e a sua saudade de familia, numa tortura, dentro do forte visinho do seu lar.

Lá está, a prisão à beira da estrada, com os restos da cantaria, uns pilares que a agua do seu circuito reflectiu, durante muitos anos, e no fundo da qual, nos subterraneos escuros e gradeados que se deviam expôr ao publico, neste dia de apoteose, agonizou a fidalguia.

Talvez que os liberaes imaginem o ministro de D. José um demolidor porque ali encarcerou os seus pares.

Não; no cortejo civico iam os que sabiam bem o contrário mas tornava-se necessario insistir em alimentar a lenda do democratismo pombalino, só porque o valido real expulsou os jesuitas.

Dentro daquelas paredes salitrosas passavam-se cousas sinistras. Aqui tenho na minha frente a copia do manuscripto do marquez d'Alorna traçado em tinta côm de ferrugem, a da época, talvez por uma das vítimas — a comprovação dos horrores.

Os que estavam ali não eram senão inimigos do poderio do ministro ou então como tal considerados.

Galopavam as ratazanas enormes nos casarões; rareava o ar sob um halito bafiento, os guardas insultavam os presos, o juiz Gonçalves Cordeiro, um dos aulicos do dictador, ameaçava em rugidos ferozes.

Aquele forte não era um carcere legal, era a caverna dum capricho despótico no qual gemiam homens da aristocracia carregados de ferros.

Ali agonisaram, desassete anos, Alorna, Manuel, Nuno e João de Tavora, D. Martinho de Mascarenhas, o filhinho do duque de Aveiro, pequenito da maior nobresa do reino, a quem Pombal despojara da fortuna. Definhava-se, morria aos poucos, alucinava-se, com S. Lourenço, Gonçalo Cristovão, outro cujas propriedades fizeram cubiças, o conde de Obidos, conegos, letrados, gente de grandesa, enquanto morriam o Ribeira e D. Manuel Calhariz, gritando os seus pecados a uma sentinela porque até o confessor lhe recusaram. Vagueavam doidos pelos recantos, viviam em farrapos os fidalgos porque mal lhes davam que vestir; a comida era nauseante, e a agua, batendo nos paredões, excitavà-lhes as dôres, atormentava-os mais. Um grande mistério os cercava; não podiam sequer, saber das familias, e, naquelas trévas, mal comunicando entre si, os que o valido real condenava, passavam a existência só de torturas feita, ensandeciam ou se finavam, pois que ele os esquecia naquele carcere infernal.

Pois diante desse monstro de grandes misérias, cujas paredes parecem ressumar as lagrimas das vitimas, passearam — sem um protesto forte, como se fôsse o dum liberal — o corpo corcomido do marquez.

Porquê?! Porque fez a republica a exhibição dum tyrano?

Mas o cortejo avança sempre; como se fosse numa jornada de expia-



ção a defrontar-se com mais logares de desventuras, de crimes, de injustiças, de espectros que ninguém quer vêr porque a dôr dos inocentes não atravessou os seculos tanto como a crueldade do carrasco.

No Altinho está a casa dos Angeja onde D. José recolheu ferido na noite da sua travessia para a Ajuda. Dizia-se que fôra o duque de Aveiro quem mandara assassinar o rei, implicou-se a familia Tavora e a sua parentela na conjura, mas tambem se afirmava ter sido a rainha, hespanhola e ciumenta de D. Tereza de Tavora, quem ordenara o ataque à sége do alcaiete real—Pedro Teixeira—ignorando que o marido viajava em carros de criados.

Instaurou-se o processo, uma ignominia, um horror, parido de cérebros cheios de hediondez, arrancado a ferros, a torturas de polés e de potros, na presença do ministro, das bôcas das vítimas que negavam quando as aliviavam dos engenhos de esmagamento. Quasi não surgiram testemunhas; só havia reus inimigos do marquez. Os Tavoras valiam por todos eles. Tinham recusado entroncar na familia dele um rebento da sua raça nobilissima.

O cortejo lá vai, com suas bandeiras, seus officiais, seus senhores do estado democrático, a maçonaria, os que se dizem avançados, acompanhando, com delícia, os ossos do simbolo da tyrania.

Chegou-se diante do palácio de Belem. Naquele mesmo logar, entre rugidos de leões, nas leoneiras do patio das Bicas, agonisaram os Tavoras e o duque de Aveiro antes de subirem ao patíbulo com essa lindissima marqueza D. Leonor, a quem os da justiça não deixaram mudar de camisa. Ela ali sentiu todo o seu orgulho esmagado, torturado, reduzido a pó primeiro de que o verdugo lhe decepasse a cabeça formosa. Era a mais linda senhora do reino, feita de belêsa e de graça, de altivez e donaire. Não se dobrava ante Sebastião José. Ele queria-a domada. Uma rosa vergada sob as fôlhas rijas duma piteira.

Avança sempre a procissão civica, um outro espectaculo se evoca naqueles logares de Belem.

Em vez da linda tarde de sol de maio, é uma manhã de janeiro em que o vento sopra das bandas de Alcantara e o Tejo se revolve num marulhar bravio. Mal a madrugada se acinzentou ouviram-se os rufos dos tambores, escoltas de dragões trotavam para o largo dos Jeronimos onde ainda se erguia, já espoliado de suas mobílias ricas, o palácio do duque de Aveiro.

Avolumava um grande patíbulo a meio do campo vasto estavam já embreadas as traves desse cadafalso, barricadas de alcatrão se acumulavam nos baixos da maquina, coberta de lucto, por cuja escada de pinho iam subir os condenados, a maioria sem provas, da conspiração contra D. José. Lá no alto esperava-os o carrasco com os seus ajudantes; a sua mão possante empolgava-os, amarrava-os e ou os garrotava

ou lhes decepava as cabeças, depois de lhes ter esmagado os ossos na tortura. A' bela marquezia, ligou-a, tirou-lhe rapidamente do pescoço o lenço sujo que o cobria; esta estremeceu ao contacto desses dedos plebeus, grosseiros, e gritou-lhe, num rasgo altivo, o último: não me descomponhas! Mas a sua cabeça linda, foi cortada dum só golpe e mostrada ao povo. Luziam-lhe nas orêlhas uns brincos compridos de brilhantes e o sangue jorrava numa chuva rubinea sobre a capa alvadia que embruhara a mais digna mulher de Portugal, a que não transigira na desonra da sua casa, nos amôres de sua nora com o rei. Exanguê, num montão, jazia já o corpo do marido; depois vieram os filhos e viram os cadáveres da mãe e do pai; trouxeram os servos a olharem os corpos de seus senhores, Aveiro ficára contorcido e quando o seu escudeiro foi amarrado por correntes, affim de ser supliciado, devia ter visto — êle o último a sofrer a tortura — o que restava da grande nobresa que servira de joelhos.

Pingava a sangueira pelas fendas da plataforma para sobre as barricadas do breu e, de repente, após três horas de matança, o fogo começou a subir em labaredas luzentes, em serpenteamentos rubros, amarelos, de tons fortes, sob o zunido da ventania. Grandes gritos soavam; o famulo ainda vivia e as chamas altas crestavam-lhe os cabelos enquanto um dos fideis de Rilhafoles, no meio daquela hecatombe, procurava fazer-lhe ouvir as palavras consoladoras do seu ministerio sagrado. Mas as rajadas acoessaram-no; desceu do patíbulo onde as correntes se calcinavam em torno do corpo chagado do homem que soltara um braço e parecia amaldiçoar o céu plumbeo.

Rufavam os tambores; começavam a ouvir-se as camarteladas nas pedras do palácio que ia ser demolido; os alvineus bebiam as suas dobradas rações de aguardente e o fogo, carcomendo os postes, abatia, num grande faulhar, o cadafalso, juntava nas mesmas cinzas os corpos dos fidalgos e dos plebeus. Subia um cheiro nauseante de gorduras torrescadas que agitava os cavalos das escoltas e sufocava a soldadesca.

O fumo evolava-se negro, forte, pesado. Era essa nuvem alta que Pombal via da janela do palácio de Ajuda.

Uma carroçada enorme de restos consumidos, um cinerario de injustiças despejou-se no Tejo que o engoliu pela manhã de janeiro.

Os leões rugiam nas jaulas, excitados pelo cheiro de sangue e o marquez, dessedentado, correu a beijar a mão do rei medroso.

No lugar do suplicio de muitos inocentes se levantou uma pedra alta. Fôram arrasadas as casas e salgado o chão. Já chamaram a esse obelisco do mais infame morticínio da história portugueza, padrão liberal. Como amigo da liberdade protestei. Cafu no olvido o meu brado. Chamaram-me reaccionario os que acompanharam, ha dias, por esse campo de sangue e de crime, evocado num rapido esboço nestas paginas, os ossos do tyrano.

Pela estreita calçada do Galvão, esmagado entre os predios e o muro da quinta real, lá foi o cortejo até Alcolena.

Fica a Memoria num largo; é uma capela de cupula clara dominando os logares malditos onde se fez a execução; superior ao rio que enguliu as cinzas, vizinha do palácio onde o marquez preparou o drama, e do casebre, ainda existente hoje, onde D. José se encontrava com a Tavora; o casal de Pedro Teixeira.

Neste tempo e neste quadro vai ficar a urna com os restos do valido real e eu não sei que tranquillidade maior êles podem encontrar nesse sitio de horrores para onde a republica os lançou julgando honrá-los.

Reeditou, aplaudindo-os, todos os crimes que êle praticou, e para não haver dúvidas acêrca das suas intenções, passam os despojos da tirania por diante dos logares onde êle mais a exerceu.

Não entendo a razão desse cortejo por tais sitios; tampouco alcanço porque escolheram a Memória para jazigo de Pombal.

Talvez por que tendo chamado tyrano a Sidonio Paes — que foi uma vítima — não querem reconhecer os Jeronimos como o Pantheon dum algoz a valer, que êles enternecidamente na sua ignorância e no seu desplante, imaginam o precursor da querida liberdade.

Se Pombal se erguêsse no seu túmulo e com o poder, de novo se levantariam também os cadafalsos de Belem e neles rechinariam as carnes jacobinas e os cérebros vãos dos homens da sinistra apoteose.

Nessa hora teria passado a justiça pombalina, engrandecendo o poder autocrático dos reis, de que estes republicanos cá da terra parecem ter, a travez dos avós, enormes saudades.

Se não tivessem feito a consagração da sua estupidez, ela seria a da hediondez das suas almas; se não fôsse a da sua ignorância seria a da sua ignominia, a do esmagamento dos princípios sacrificados aos ódios.

# A Masseurira

**As signas do tempo — A honra do mundo novo — Como se pensa na actualidade — O ouro do senhor Camacho — A bicha dos melandros**

Cada passo da humanidade é guiado por um objecto symbolico, desde o recondito dos seculos. No velho mundo pagão as faunas e as silfides; no alvorecer do cristianismo o peixe e a cruz; na velha Roma as signas aquilinas; com a Renascença os bagos de romã; a revolução franceza trouxe a guillotina, o imperio ressurgiu as aguias e, por isso, marcando bem a sua passagem, estes e os outros seculos são inconfundiveis mesmo para os menos letrados.

O nosso tempo tambem tem a sua caracteristica, o seu simbolo. E' a masseira.

Julgo que é ela que se arvora pelo mundo, como o expoente desta epoca, profunda, imensa, com seu concavo, sua larguesa, sorrindo para atrair os homens levados pelo interesse. Cair na masseira é ser cúmplice dos que amassam os negocios. A massa é formada por tudo — exactamente como a do pão portuguez, — de farinhas pôdres e consciencias avariadas, restos de cascas e carcassas de reputações, aguas salobras e sangue, bodegas e suores de trabalhadores, dejectos e petalas, lodo e areia, sucatas e cacos, emfim, de quanto se pôde oferecer, numa hora de queda, num extasi ao altar dum deus porcalhão.

A masseira é o emblema das sociedades. O que se quer é a massa. Já ninguem é capaz de se bater por uma rosa caída duns lindos dedos, mas toda a gente — quasi toda a gente, devo dizê-lo — terá um repelão rijo deante da bem atulhada pia, onde braços musculosos vão amassando, no mesmo bolo, as cousas mais heterogenas, num conluio, ignobil sim, mas necessario para se viver á farta.

Em Portugal existe, porém, a masseira dum rélismo tão grande que dá vontade de lhe vomitar dentro.

Um bando, o dirigente, revolve, espreme, esmaga, lança os homens nesse vórtice monstro onde os vai amassando com delirio, com paixão, com goso. Quasi nenhum lhes escapa; todos se tentam.

A masseira é um pelago mas não estar dentro dela é viver ao desamparo. E' não uivar com os lobos; é ser um paria neste país onde o distintivo que mais se exhibe é o de pertencer à masseira.

Os últimos escrupulos caíram, desapareceram, foram lançados para longe. Os animos mudaram. O que outrora era uma deshonestidade é hoje correntio. A masseira domina com o seu fedor, num levedar de crimes.

—Antigamente nenhum jornalista queria ser o defensor de negócios inconfessáveis, nenhum médico passaria certidões falsas, nenhum ministro estaria ao serviço de banqueiros, nenhum militar venderia a sua espada, nenhum professor seria imoral. Se acaso, dentro duma classe, alguém procedia mal era, imediatamente, escorraçado. A policia das profissões era feita por quem nelas entrava. Respeitavam-se uns aos outros. Havia dogmas na vida. O falido matava-se, agora compra automovel; o concussionario era metido nas penitenciarias, presentemente é grande politico; o cobarde sofria os desdens, nesta época é condecorado; o fraudolento tinha o desprezo de toda a gente, na actualidade é querido e o fartum que se detestava tornou-se agradável odôr: o perfume da moda.

Ora naquele tempo dos castigos para os delifos, Herculano afastava-se da sociedade que o admirava — neste momento que passa só se veneram os vencedores do milhão — e dizia que tudo aquilo — o que ele viu — dava vontade de morrer.

E não andava o ladrão à solta, o assassinio glorificado, a desonra arvorada em paladio do mundo, a corrupção aceite, o goso miseravel sobrepassando a tranquillidade das almas.

A masseira ainda não se puzera a descoberto. Talvez que ele advinhasse esta hora mas não a presençaára.

Mesmo os homens que tem fama de serios, de honestos, até aqueles de quem ninguem até ha pouco duvidava, parecem aproximar-se da venda.

Vivendo-se num periodo de desvergonha, o puro é apontado a dedo. Chamam-lhe parvo, idiota e rojam-se diante do bandido, consagram-no, tratam-no de esperto, talentoso.

E' assim mesmo. Não estou iraçando um quadro carregado mas deixando uma sintese da minha época, da sociedade que para aí se estadeia.

Chegou-se ao maximo; jamais, nem mesmo nas mais decadentes civilizações, se viu um espectacalo assim. Sucede o mesmo pelo mundo todo — diz-se — e é certo, mas por esses países alem contrapõe-se à infamia um somatorio de virtudes, ao crelinismo uma alta ciência, ao roubo, ao crime, a honra e o castigo. Em França, por exemplo, acabaram de meter na cadeia as sumidades medicas que negociavam em cadernetas militares; em Portugal ainda, que me conste, não foi condenado nenhum dos ladrões dos felados Transportes Maritimos, dos Bairros Sociais, dos papeis do estado.

Já não ha pudor. Pergunta-se a um homem se quer corromper-se como se mercassem um asno numa feira. E a tentação chega; a honra vae-se. Os deshonestos criaram uma moral nova, a sua. E como são os vencedores todos os seguem. Já não se pode apontar um politico são. Fica-se preplexo ante a furia de cair na masseira. Algum que está de fóra é porque ainda não arranjou maneira de ir espojar-se no remeximento dos interesses.

O senhor Brito Camacho, que tem ares modestos de pessoa nutrida com cinco tostões por dia, sustentada a fava rica, tambem acabou de cair na masseira. Está em Lisboa recebendo, em ouro — quer dizer em

gotas do nosso sangue — o pingue ordenado de alto commissario em Moçambique para onde não volta porque se a tal atrevesse atiravam-no ao mar mal o vissem, o que seria um perigo para os peixes.

Tinha fama de incorruptível. Caiu na masseira como dentro dela estão mergulhados — ao que julgo, pois já não dão conta de si — os militares nomeados para o inquerito á moagem. Afogaram-se na massa.

Após estas reflexões, feitas em voz alta, o amigo que as ouvia exclamou:

— Irra, também quero ser malandro...

— Impossível, meu velho, impossível — volvi sereno e certo do que dizia.

Julgou que o cumprimentava e ofendeu-se.

— O quê, pois eu não sou capaz? Sim, dize, eu não tenho facilidades para o sêr?

— Talvez... mas não chegas... Ha uma grande bicha para a profissão que escolhes tardiamente, uma bicha longa como o infinito na direção da masseira.

# O miôlo dos meus bonecos

## VI

### O LIVRE PENSADOR

Todas as tardes, à hora da catequese, o homem passeava os seus olhos furibundos da fachada da igreja para os garotos que saíam do doutrinamento; uma raiva funda o enchia, o acometia e dos seus lábios, ocultos entre o bigode enorme e a barbaça forte, saíam vãs palavras, esconjuros.

Andava sempre procurando encontrar os pais dos pequenitos que frequentavam o templo, assentava-se às suas mesas nas locandas, fazia-se encontrado com eles nas ruas, colava-se-lhes e, como um semeador de irreligião, começava por dizer mal do padre da freguesia e acabava a apostrofar Deus.

— Sabia de cousas enormes do pároco... Hum... Hum... Era um jesuita... Depois... hum... hum... sim... falazava-se... Se fôsse no tempo da Inquisição queimaria gente... Essa Inquisição! Crimes e mais crimes feitos pela jesuitada, tudo por ordem do papa e Deus não os rachava!... Sim, que elle não acreditava nessas coisas, nós deuses!

Violencias, clamores, frases rancorosas saíam em catadupas da sua garganta em berros, em guinchos, em fúrias. Pretendia demonstrar que se houvesse Deus e fizesse tudo quanto os padres lhe atribuíam, seria injusto. Mas, não... Só existia a madre natureza. O resto era tudo êrro, superstição, ditos de velhas... Ele, não se curvava diante de coisa alguma; passara a vida a lêr, a desempoeirar o espirito e por isso que não gostava de vêr a petizada na catechese a mergulhar na tolice... Era como o baptismo... Sim, para que servia pôr uma pedra de sal na bôca dos pequenos?... Lérias! Invenções da seita negra, dos filhos de Loyola, dos jesuitas, dos que acenderam as fogueiras... Era como persignar-se, sim, signalefas!...

Falava sempre assim; não havia maneira de lhe calar os impetos e tão profundamente, tão insistentemente lançava as suas diatribes que fizera escola no bairro. Pagava vinho, acomodava-se nas bancas e à noite,

deambulava cambaleante, increpando Deus e as estrelas, num magote de discipulos . . .

Ganhara fama; fizera nome. Certa noite um barbeiro marreco, que andava muito arredio dos seus deveres, aproximou-se, pareceu decidido a converter-se, e, viu-se, o livre pensador, fazer uma figa, assustadiço, aterrado, começar a correr pela ruella, com o bando atraz, todo admirado, sem compreender para onde ele se dirigia. O pasmo era enorme e o mestre relanceava os olhos furibundos pelas casas, pelas paredes, até que parou diante dum trem que passava de corrida, à luz dos candeeiros :

— Ah! Ah! . . . Os cavalos eram brancos . . . Respiro . . . Foi-se o azar . . . disse consoladamente.

Contava, então, que para matar a má sorte trazida por um marreco, o remedio era uma besta clara.

E eu que o digo, tenho as minhas razões seguras . . . E' uma receita da bruxa do Machadinho.

Depois, num gesto largo, traçando grandes sombras na parede recomeçou a doutrinação :

— E' necessario afastar o sofisma religioso, meus amigos . . . exclamava o livre pensador.

Na luz doce da noite, ele falava, falava sempre sob o brilho das estrelas imperturbaveis nos seus mundos.

ROBERTO

NO PRÉLO:

AS SENSACIONAIS REVELAÇÕES COM  
DOCUMENTOS GRAFICOS Á CERCA DO

MARQUEZ DE POMBAL  
PUPILO DOS JESUITAS

OBRA DE

ROCHA MARTINS

EDIÇÃO DA «LUMEN»



